

Aleitamento materno exclusivo: Fatores que influenciam a adesão e os desafios

Exclusive breastfeeding: Factors that influence adherence and challenges

Lactancia materna exclusiva: Factores que influyen en la adhesión y los de

Submissão: 19/11/2025

Publicação: 16/12/2025

Franciane Gomes Morais

ORCID: 0009-0008-0109-5781

Faculdade Santa Luzia, Brasil

E-mail: 1812@faculdadesantaluzia.edu.br

Valdiana Gomes Rolim Albuquerque

ORCID: 0009-0006-3204-4480

Faculdade Santa Luzia, Brasil

E-mail: valdiana@gmail.com

Resumo

O aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses de vida constitui recomendação nacional e internacional por seus comprovados benefícios para a saúde materno-infantil. Entretanto, sua adesão ainda é limitada no Brasil, devido a fatores sociais, culturais, emocionais e assistenciais. Este estudo teve como objetivo analisar os fatores que influenciam a adesão ao AME e identificar os principais desafios enfrentados pelas nutrizes para sua manutenção. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, desenvolvida nas bases SciELO, BVS e Periódicos CAPES, abrangendo publicações entre 2019 e 2025. Foram incluídos artigos completos em português que abordassem determinantes e dificuldades relacionados ao aleitamento materno exclusivo. Após critérios de seleção, dez estudos compuseram a amostra. Os resultados demonstraram que a interrupção precoce do AME está relacionada à baixa escolaridade materna, ausência de apoio familiar, retorno precoce ao trabalho, uso de chupeta, dificuldades com a pega, dor mamilar, crenças culturais equivocadas e insegurança emocional. Observou-se que o apoio profissional qualificado, o aconselhamento durante o pré-natal, o contato pele a pele imediato e o acompanhamento no puerpério são fatores determinantes para o sucesso da amamentação. A enfermagem destacou-se como categoria essencial na promoção, orientação e suporte às mães, atuando na prevenção de dificuldades e no fortalecimento da autoconfiança materna. Conclui-se que o AME demanda estratégias intersetoriais e contínuas, com fortalecimento das políticas públicas, apoio às nutrizes e qualificação dos profissionais de saúde, especialmente enfermeiros, para garantir melhorias nos índices de aleitamento e promoção da saúde infantil.

Palavras-chave: Aleitamento materno exclusivo; Enfermagem; Lactação; Promoção da saúde; Saúde materno-infantil.

Abstract

Exclusive breastfeeding (EBF) up to six months of life is nationally and internationally recommended due to its proven benefits for maternal and child health. However, adherence rates in Brazil remain below recommended levels, influenced by social, cultural, emotional, and healthcare factors. This study aimed to analyze the factors that influence adherence to exclusive breastfeeding and identify the main challenges faced by mothers in maintaining this practice. An integrative literature review was conducted in the SciELO, BVS, and CAPES databases, considering publications from 2019 to 2025. Full-text articles in Portuguese addressing determinants and difficulties associated with exclusive breastfeeding were included. After the selection criteria, ten studies composed the final sample. The results indicated that early EBF interruption is associated with low maternal education, lack of family support, early return to work, pacifier use, difficulty with latch-on, nipple pain, cultural misconceptions, and emotional insecurity. Professional support, counseling during prenatal care, immediate skin-to-skin contact, and postpartum follow-up were shown to be essential for successful breastfeeding. Nursing professionals played a key role in promoting and supporting breastfeeding, providing guidance, preventing complications, and strengthening maternal confidence. It is concluded that EBF requires continuous and intersectoral strategies, strengthening public policies, supporting mothers, and training he.

Keywords: Exclusive breastfeeding; Health promotion; Lactation; Maternal and child health; Nursing.

Resumen

Exclusive breastfeeding (EBF) up to six months of age is recommended nationally and internationally for its proven benefits to maternal and child health. However, adherence to EBF remains limited in Brazil due to social, cultural, emotional, and care-related factors. This study aimed to analyze the factors influencing adherence to EBF and identify the main challenges faced by mothers to maintain it. An integrative literature review was conducted using the SciELO, BVS, and CAPES Periodicals databases, covering publications from 2019 to 2025. Full-text articles in Portuguese addressing determinants and difficulties related to exclusive breastfeeding were included. After applying selection criteria, ten studies composed the final sample. Results showed that early discontinuation of EBF is associated with low maternal education, lack of family support, early return to work, pacifier use, latch difficulties, nipple pain, misleading cultural beliefs, and emotional insecurity. Professional support, prenatal counseling, immediate skin-to-skin contact, and postpartum follow-up were identified as key factors for breastfeeding success. Nursing professionals stood out as essential agents in promoting, guiding, and supporting mothers, preventing difficulties and strengthening maternal self-confidence. It is concluded that EBF requires intersectoral and continuous strategies, strengthening public policies, supporting mothers, and qualifying health professionals—especially nurses—to improve breastfeeding rates and promote child health.

Palabras clave: Exclusive breastfeeding; Health promotion; Lactation; Maternal and child health; Nursing.

1. Introdução

O aleitamento materno é amplamente reconhecido como a forma mais eficaz, natural e segura de nutrição para o recém-nascido, constituindo-se como um dos principais pilares da saúde materno-infantil. Além de ser um ato biológico, representa um importante determinante social de saúde e um componente estratégico para a redução da morbimortalidade infantil em escala global.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses de vida, definido como a oferta apenas do leite materno, sem a inclusão de outros líquidos ou sólidos, exceto medicamentos e suplementos quando necessários (OMS, 2021, p. 15). Em consonância, o Ministério da Saúde (Brasil, 2019) reforça que o leite materno é o alimento mais completo e adequado para o bebê durante esse período inicial da vida.

A literatura evidencia amplamente os benefícios do AME. Para o lactente, a prática está associada à redução da incidência de doenças infecciosas, gastrointestinais e respiratórias, bem como à prevenção de obesidade e diabetes tipo II ao longo da vida (Silva, 2023). Além dos ganhos clínicos, o aleitamento exclusivo contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional, refletindo em melhores desempenhos acadêmicos e sociais (Sousa, 2023).

Os benefícios não se restringem à criança. As mães que amamentam de forma exclusiva também são favorecidas com a redução do risco de câncer de mama, ovário e útero, além da involução uterina mais rápida, menor incidência de hemorragias pós-parto, auxílio na perda de peso e prevenção de quadros de depressão puerperal (Barbosa, 2020). Do ponto de vista ambiental e econômico, o leite materno dispensa processos industriais, reduz custos familiares e diminui a demanda sobre os sistemas de saúde.

Apesar das evidências científicas e das recomendações internacionais, os índices de adesão ao AME permanecem aquém do esperado. No Brasil, apenas 37% das crianças menores de seis meses são amamentadas exclusivamente, percentual inferior ao recomendado pela OMS (Higashi et al., 2021). Os autores reforçam que “ainda vivenciamos baixos índices de adesão, especialmente ao aleitamento materno exclusivo, recomendado pela Organização Mundial da Saúde” (Higashi et al., 2021, p. 2).

Wandenf (2020) aponta que o retorno precoce ao trabalho, a ausência de políticas institucionais de apoio e a limitação de redes de suporte figuram entre os principais fatores que contribuem para o desmame precoce. Além disso, desafios

fisiológicos como mastite, dor, fissuras, ingurgitamento e dificuldades na pega são fatores que frequentemente levam à interrupção da amamentação (Lima, 2021).

Aspectos emocionais e sociais também interferem diretamente na adesão ao AME. Insegurança, estresse, falta de apoio e sobrecarga materna são recorrentes nesse cenário. Conforme ressalta Santos (2020, p. 7), “o choro recorrente do bebê, conjugado com a inabilidade e falta de técnica, faz com que a mãe interprete que o leite não é suficiente para suprir a necessidade da criança”.

As crenças culturais, especialmente a noção equivocada de “leite fraco”, permanecem como obstáculos relevantes. Essas concepções reforçam a introdução precoce de fórmulas e outros alimentos, muitas vezes baseadas na influência de familiares e redes sociais, em detrimento das orientações profissionais (Higashi et al., 2021). Esse cenário revela a força dos valores socioculturais nas decisões relacionadas ao cuidado com o lactente.

Nesse contexto, a atuação da enfermagem assume papel central, sobretudo na atenção primária à saúde. O enfermeiro atua no pré-natal, puerpério e puericultura, oferecendo suporte clínico, informativo e emocional às nutrizes. Higashi et al. (2021, p. 6) enfatizam que “é fundamental a atuação do enfermeiro no pré-natal e no puerpério para desmistificar crenças e fortalecer a confiança da nutriz”. A implementação de estratégias educativas, como grupos de gestantes e aconselhamento individual, fortalece a autonomia materna.

Martins et al. (2024, p. 10253) destacam que “o enfermeiro tem papel fundamental na promoção do aleitamento materno utilizando práticas integrativas, cabendo ao profissional desenvolver conhecimento e capacidade técnica no assunto”. Dessa forma, a assistência humanizada e o cuidado integral ampliam as chances de adesão e manutenção do AME, contribuindo para práticas de saúde mais resolutivas e equitativas.

Diante da complexidade que envolve a adesão ao aleitamento materno exclusivo, torna-se necessária a compreensão dos múltiplos fatores biológicos, emocionais, culturais, sociais e institucionais que interferem nesse processo. Sob essa perspectiva, este estudo busca responder à seguinte questão: quais fatores influenciam a adesão ao aleitamento materno exclusivo e quais desafios são enfrentados pelas mães para sua manutenção? Justifica-se a investigação pela relevância em subsidiar políticas públicas, fortalecer a atuação da enfermagem e ampliar as estratégias de incentivo ao AME, contribuindo significativamente para a saúde materno-infantil e para o desenvolvimento sustentável da sociedade.

Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar os fatores que influenciam a adesão ao aleitamento materno exclusivo e identificar os principais desafios enfrentados pelas mães para a sua manutenção.

2. Metodologia

O presente estudo é uma descrição de revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa dos dados, que permite reunir, analisar e sintetizar resultados de pesquisas já publicadas sobre a temática investigada, proporcionando uma compreensão ampliada acerca dos fatores que influenciam a adesão ao aleitamento materno exclusivo. “A Revisão Bibliográfica é parte de um projeto de pesquisa, que revela explicitamente o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico” (Santos; Candeloro, 2006, p. 43).

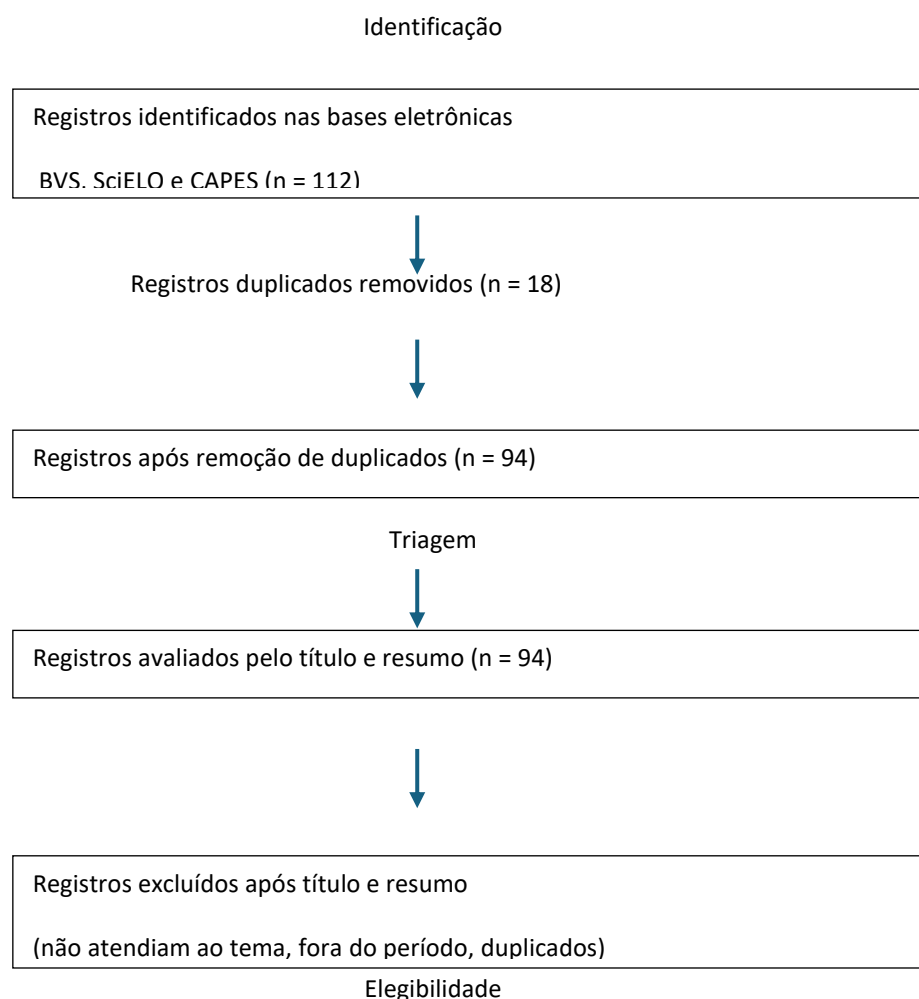
A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos CAPES, por serem repositórios amplamente utilizados em pesquisas na área da saúde. Para a construção da estratégia de busca, foram utilizados descritores cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), combinados pelo operador booleano “AND”. Entre os termos adotados, destacam-se: “Aleitamento materno”, “Aleitamento materno exclusivo”, “Saúde da criança”, “Enfermagem”, “Lactente” e “Promoção da saúde”. O recorte temporal

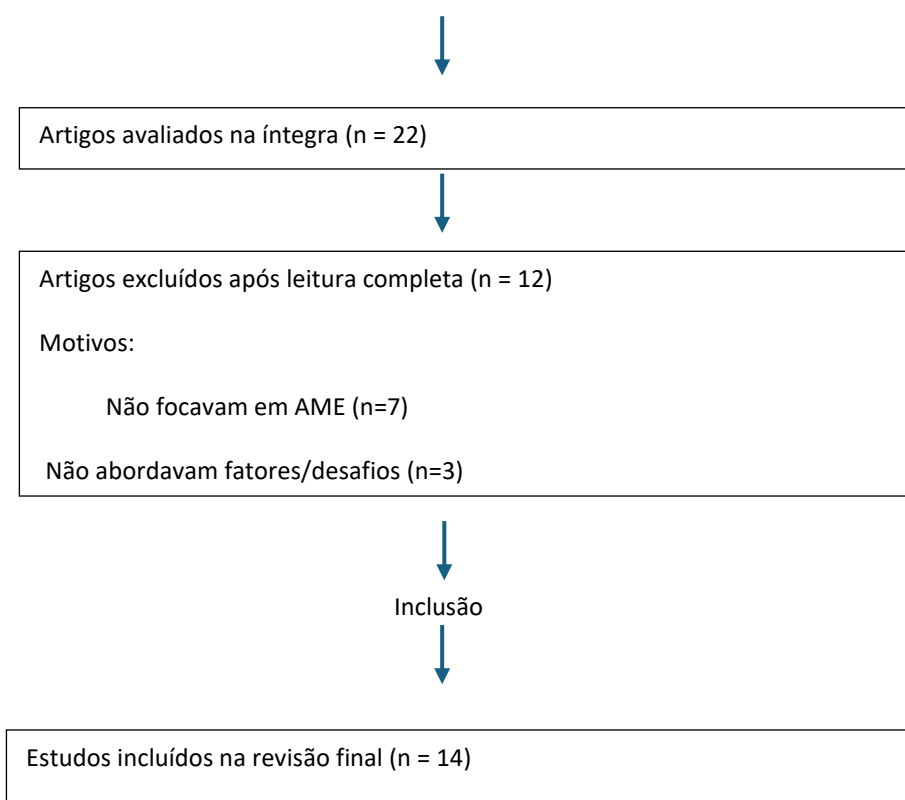
definido compreende o período de 2019 a 2025, A coleta de dados foi realizada no período de agosto a outubro de 2025. Tendo em vista a necessidade de contemplar produções atuais e alinhadas às práticas e políticas contemporâneas de incentivo ao aleitamento materno.

Foram incluídos artigos que atendiam aos seguintes critérios: estar disponível na íntegra, ser publicado em português, abordar fatores relacionados à adesão ou interrupção do aleitamento materno exclusivo e manter interface com a atuação da enfermagem, da saúde materno-infantil ou dos contextos familiares e socioculturais da amamentação. Foram excluídos estudos duplicados, publicações fora do período selecionado, textos em outros idiomas, trabalhos incompletos, editoriais, resumos, dissertações e teses, além de pesquisas que não tratavam diretamente do tema. A seleção dos estudos ocorreu em etapas sucessivas: leitura de títulos, leitura de resumos e posterior leitura integral dos artigos elegíveis. Após essa triagem, os estudos foram organizados em planilha contendo título, autores, ano de publicação, objetivo, tipo de estudo, principais resultados e conclusões.

A análise dos dados foi realizada por meio de categorização temática, permitindo identificar os principais fatores que interferem na adesão ao aleitamento materno exclusivo, os desafios enfrentados pelas mães e o papel dos profissionais de enfermagem no incentivo à prática. A revisão integrativa adotada possibilitou a comparação entre os achados dos diferentes estudos e a elaboração de uma síntese crítica e fundamentada sobre o fenômeno investigado conforme observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Fluxograma do Processo de Identificação, Seleção e Inclusão dos Estudos





Fonte: Elaborado pela Autora. (2025)

5

3. Resultados e Discussão

Quadro 1. Classificação Geral dos artigos

Nº	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	REVISTA / MATERIAL	OBJETIVO	ANO
1	Padrões de amamentação e fatores associados ao desmame precoce na Amazônia Ocidental	Fernanda Andrade Martins, Alanderson Alves Ramalho, Andréia Moreira de Andrade, Simone Perufo Opitz, Rosalina Jorge Koifman, Ilce Ferreira da Silva	Revista de Saúde Pública	Caracterizar os padrões de amamentação nos primeiros seis meses de vida e fatores associados ao desmame precoce em Rio Branco (AC).	2021
2	Associação entre o tipo de aleitamento na alta hospitalar do recém-nascido e aos seis meses de vida	Neusa A. C. V. da Cruz, Lucas M. Reducino, Livia F. Probst, Luciane M. Guerra, Gláucia M. B. Ambrosano, Karine L. Cortellazzi, Margarete C. Ribeiro-Dasilva, Scott L. Tomar, Inara P. da Cunha,	Cadernos de Saúde Coletiva	Verificar a associação entre o tipo de aleitamento na alta hospitalar e a prática da amamentação aos seis meses.	2018

		Rosana F. Possobon			
	Abandono do aleitamento materno exclusivo em mães adolescentes: um estudo de coorte em serviços primários de saúde	María Isabel Nuñez Hernández, Maria Luiza Riesco	Revista Latino-Americana de Enfermagem	Analisar fatores associados ao abandono do aleitamento materno exclusivo em mães adolescentes.	2022
3	Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo	Gessandro E. F. Barbosa, Janeide M. Pereira, Marianne S. Soares, Luciana B. Pereira, Lucinéia Pinho, Antônio P. Caldeira	Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil	Avaliar a influência das dificuldades iniciais para amamentar sobre a duração do aleitamento materno exclusivo.	2018
4	Transtorno mental comum e interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo em mulheres quilombolas	Vanessa G. dos S. Araújo, Tamara R. dos Santos, Ana C. S. Vieira, Monica L. de Assunção, Haroldo da S. Ferreira	Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil	Investigar se o transtorno mental comum e outros preditores promovem a interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo.	2021
5	Incidência do aleitamento materno exclusivo: influência da assistência recebida durante a internação por nascimento	Angélica Yukari Takemoto, Sueli M. T. Ichisato, Roberta Rossa, Kelly C. Michalczyzyn, Eleandro do Prado, Marialda M. Christoffel,	Revista Gaúcha de Enfermagem	Identificar a incidência do aleitamento materno exclusivo e fatores associados segundo a assistência recebida na internação por parto.	2025
6	Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo em uma maternidade referência em parto humanizado	Gabriela P. Brandt, Alan M. A. Britto, Camila C. D. P. Leite, Luciana G. Marin	Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia	Analisar os fatores associados à prevalência do aleitamento materno exclusivo até seis meses em binômios mãe/recém-nascido.	2021
7	Determinantes econômicos, sociais e de saúde que influenciam na lactância materna exclusiva na Colômbia	Gina Paola Arocha-Zuluaga, Beatriz Caicedo-Velasquez, Luis Carlos Forero-Ballesteros	Cadernos de Saúde Pública	Identificar determinantes econômicos, sociais e de saúde que influenciam o abandono da lactância materna exclusiva.	2022
8	Ansiedade materna e sua interferência na autoeficácia para amamentação	Erika de Sá V. Abuchaim, Karla O. Marcacine, Kelly P. Coca, Isilia A. Silva	Acta Paulista de Enfermagem	Analisar a relação entre sintomas de ansiedade materna, autoeficácia para amamentação e duração do aleitamento exclusivo.	2023
9	Prevalência e fatores associados à interrupção do aleitamento materno em menores de dois anos	Mariana O. A. Ramalho, Vilma C. de Macêdo, Paulo G. Frias, Marília C. Lima, Juliana S. Oliveira, Malaquias B. Filho, Pedro I. C.	Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil	Determinar a prevalência da interrupção do aleitamento materno e fatores associados em menores de dois anos.	2024

		Lira, Rosana R. de Oliveira, Sonia S. Marcon			
10	Fatores sociodemográficos e obstétricos associados à interrupção do aleitamento materno em até 45 dias pós-parto – Estudo de Coorte Maternar	Santos VL, Holand BL, Drehmer M, Bosa VL	Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil	Identificar a prevalência de interrupção do aleitamento materno até 45 dias pós-parto e fatores associados	2021
11	Prevalência e preditores do aleitamento materno na coorte MINA-Brasil	Mosquera PS, Lourenço BH, Matijasevich A, Castro MC, Cardoso MA	Revista de Saúde Pública	Descrever prevalência e fatores associados ao AME e AM continuado em crianças amazônicas	2023
12	Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrízes	Amaral LJX, Sales SS, Carvalho DPSRP, Cruz GKP, Azevedo IC, Ferreira Júnior MA	Revista Gaúcha de Enfermagem	Identificar fatores que influenciam a interrupção do AME nos primeiros 6 meses	2015
13	Maternal breastfeeding: indicators and factors associated with exclusive breastfeeding in a subnormal urban cluster assisted by the Family Health Strategy	Silva VAA, Caminha MFC, Silva SL, Serva VMSBD, Azevedo PTACC, Batista Filho M	Jornal de Pediatria	Avaliar indicadores de aleitamento e fatores associados ao AME até 6 meses em comunidade urbana vulnerável	2019
14	Factors associated with postpartum weight retention... (inclui AME como variável)	Zanotti J, Capp E, Wender MCO	Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia	Identificar fatores associados à retenção de peso no pós-parto, incluindo AME	2015

Fonte: Elaborado pela Autora. (2025)

3.1 Introdução aos resultados e panorama geral

A análise dos dez estudos selecionados evidencia que o aleitamento materno exclusivo (AME), embora amplamente reconhecido como uma prática essencial para a saúde infantil e materna, ainda enfrenta diversos desafios relacionados à adesão, manutenção e suporte institucional. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde recomendam o AME até o sexto mês de vida e a continuidade da amamentação até os dois anos ou mais; entretanto, os resultados apontam que essa meta permanece distante da realidade em diferentes contextos sociais brasileiros.

De acordo com Ramalho et al. (2024), a prevalência da interrupção do aleitamento materno exclusivo em Pernambuco alcançou 76,2%, revelando um cenário preocupante de desmame precoce. Essa interrupção esteve fortemente associada à faixa etária da criança (três a seis meses) e ao uso de chupeta, fatores amplamente reconhecidos na literatura como determinantes do abandono do AME. Esse achado corrobora os resultados de Barbosa et al. (2018), que identificaram que as dificuldades iniciais

com a técnica da mamada interferem diretamente na duração do aleitamento materno exclusivo, sobretudo nas primeiras semanas após o parto — momento crucial para a consolidação do vínculo mãe-bebê e para o estabelecimento da amamentação.

Os estudos analisados confirmam que o aleitamento é uma prática multifatorial, influenciada não apenas por aspectos biológicos, mas também por condicionantes sociais, culturais, psicológicos e institucionais. Brandt et al. (2021) destacam que variáveis como nível educacional materno, apoio familiar, tipo de parto, contato pele a pele imediato e orientação profissional qualificada são decisivas para o sucesso da amamentação. Para os autores, “o incentivo à amamentação deve iniciar ainda durante o pré-natal, com ações educativas e de escuta ativa às gestantes” (Brandt et al., 2021, p. 93).

A pesquisa de Martins et al. (2021), realizada na Amazônia Ocidental, revela que o desmame precoce está fortemente relacionado a práticas culturais e à influência de familiares, especialmente avós, que orientam a introdução precoce de chás e outros alimentos. Assim, a adesão ao AME não depende apenas da vontade individual da mãe, mas do contexto social e cultural em que ela está inserida.

Essas evidências reforçam a necessidade de compreender o aleitamento materno sob uma perspectiva ampliada, que considere as dimensões socioculturais do cuidado, a formação dos profissionais de saúde e o fortalecimento das políticas públicas que assegurem condições adequadas para que as mulheres possam amamentar com segurança e continuidade.

3.2 Perfil das participantes e prevalência do aleitamento materno exclusivo

Os estudos analisados apresentaram predominância de mulheres em idade fértil (18 a 35 anos), residentes em áreas urbanas, com baixo a médio nível de escolaridade e pertencentes às classes econômicas C, D e E. As pesquisas de Ramalho et al. (2024) e Araújo et al. (2021), ambas realizadas no Nordeste, evidenciam que o fator socioeconômico é uma das variáveis mais significativas na determinação da duração do aleitamento materno. Mães com menor renda e escolaridade mostraram-se mais propensas a interromper precocemente o AME, sugerindo que a vulnerabilidade social compromete o acesso à informação e ao suporte qualificado durante o ciclo gravídico-puerperal.

A prevalência do AME variou amplamente entre os estudos. Em Pernambuco, Ramalho et al. (2024) relataram uma taxa de apenas 23,8% de AME em crianças menores de seis meses, enquanto Brandt et al. (2021) observaram índices mais elevados em uma maternidade referência em parto humanizado, indicando que o modelo de assistência exerce influência direta na manutenção da amamentação. Takemoto et al. (2025) reforçam esse ponto ao afirmarem que “a assistência recebida durante a internação por nascimento exerce influência positiva sobre a incidência do aleitamento materno exclusivo” (Takemoto et al., 2025, p. 4).

Entre mães adolescentes, conforme Nuñez Hernández e Riesco (2022), o abandono do AME ocorre com maior frequência, em decorrência da imaturidade emocional e da ausência de apoio familiar. As autoras observam que, nesse grupo, “a desinformação e a falta de suporte estão entre os principais motivos para o desmame precoce” (Nuñez Hernández; Riesco, 2022, p. 8).

De forma semelhante, Araújo et al. (2021) apontaram que, em comunidades quilombolas, fatores emocionais e de saúde mental, como o transtorno mental comum, impactam negativamente o AME, reforçando a necessidade de atenção psicossocial integrada nas estratégias de promoção da amamentação. Já Arocha-Zuluaga et al. (2022), ao investigarem mães colombianas, constataram que aspectos econômicos e laborais são determinantes na decisão de manter ou interromper o AME, destacando que “as políticas de apoio à mulher trabalhadora ainda são insuficientes para garantir a continuidade do aleitamento” (Arocha-Zuluaga et al., 2022, p. 12).

Esses resultados revelam que o aleitamento materno exclusivo, embora amplamente reconhecido, ainda sofre influência de desigualdades estruturais e culturais, exigindo estratégias mais equitativas e sustentáveis para sua promoção.

3.3 Fatores maternos e psicossociais associados ao desmame precoce

Entre os fatores maternos, destacam-se a idade, o nível educacional, a autoeficácia materna, a saúde mental e o apoio social. Abuchaim et al. (2023) verificaram que sintomas de ansiedade materna reduzem significativamente a confiança da mãe em sua capacidade de amamentar, interferindo na duração do AME. Ainda que não haja correlação estatística direta entre ansiedade e tempo de amamentação, a insegurança emocional se mostra um obstáculo importante à continuidade da prática.

Nas comunidades quilombolas estudadas por Araújo et al. (2021), as condições socioeconômicas desfavoráveis, a juventude materna e o uso de chupeta foram fatores determinantes para o desmame precoce. Já entre mães adolescentes, conforme Nuñez Hernández e Riesco (2022), a percepção negativa sobre o próprio leite, considerado “fraco” ou “insuficiente”, aumentou em até 11,6 vezes o risco de interrupção do AME, revelando a importância do aconselhamento em lactação e suporte psicológico desde o pré-natal.

Adicionalmente, Barbosa et al. (2018) enfatizam que as dificuldades técnicas com a mamada, dor e fissuras mamilares atuam como gatilhos diretos para o desmame, especialmente quando não há orientação profissional adequada. Esses fatores, somados à falta de apoio emocional e informativo, reforçam a necessidade de intervenções personalizadas e de suporte contínuo no puerpério.

3.4 Aspectos socioculturais, econômicos e contextuais

Os determinantes sociais e econômicos emergem como variáveis estruturais no fenômeno do desmame precoce. Arocha-Zuluaga et al. (2022) identificaram que pobreza, baixa escolaridade e ausência de parceiro estão entre os principais preditores do abandono do AME na Colômbia. Da mesma forma, Ramalho et al. (2024) observaram que trabalho materno fora do lar, classe econômica baixa e ausência de consulta puerperal aumentam o risco de interrupção do aleitamento.

Por outro lado, Brandt et al. (2021) mostraram que o apoio profissional e familiar à nutriz pode quadruplicar as chances de manutenção do AME até os seis meses. Tais achados revelam que a amamentação é condicionada socialmente, dependendo de redes de apoio, políticas trabalhistas e cultura local. Nas populações mais vulneráveis, a ausência de suporte institucional e comunitário amplia as barreiras à continuidade da amamentação.

3.5 Assistência profissional, parto humanizado e políticas públicas

A literatura revisada ressalta que o apoio profissional qualificado e a humanização do parto são elementos fundamentais para o sucesso do AME. Martins et al. (2021) e Cruz et al. (2018) demonstraram que a iniciação precoce da amamentação, ainda na primeira hora de vida, e a alta hospitalar em AME são fatores protetores contra o desmame precoce.

Em uma maternidade referência, Brandt et al. (2021) constataram que o acompanhamento contínuo de enfermagem e a orientação pós-parto aumentaram em até quatro vezes a probabilidade de manutenção do AME. Takemoto et al. (2025) complementam que o modelo assistencial humanizado, aliado ao apoio da equipe multiprofissional, é essencial para garantir uma experiência positiva de amamentação.

Esses achados reforçam que a qualidade da assistência hospitalar e o acompanhamento na Atenção Primária à Saúde constituem pilares indispensáveis para a consolidação do aleitamento materno, devendo ser fortalecidos por meio de políticas públicas e capacitação profissional contínua.

3.6 Síntese crítica e implicações para a prática de enfermagem

A análise integrada evidencia que o desmame precoce é multifatorial, resultante da interação entre determinantes biológicos, psicológicos, sociais e institucionais. Apesar das políticas de incentivo e campanhas educativas, persistem obstáculos que comprometem a adesão ao AME. Entre os principais fatores destacam-se: Uso de chupeta e introdução precoce de outros alimentos; Baixa escolaridade e renda materna; Retorno precoce ao trabalho; ausência de apoio familiar e profissional; Dificuldades técnicas e dor mamária; Ansiedade e baixa autoeficácia materna.

A enfermagem possui papel estratégico nesse cenário, atuando na promoção, proteção e apoio à amamentação. O enfermeiro, por meio de ações educativas, escuta ativa e acolhimento humanizado, fortalece o vínculo mãe-bebê e contribui para a superação das barreiras emocionais e técnicas. Além disso, cabe à enfermagem promover redes interdisciplinares de apoio que envolvam diferentes profissionais, assegurando um cuidado integral à nutriz.

A promoção do aleitamento materno deve ser consolidada como política permanente de saúde pública, pautada na educação, equidade social e empoderamento feminino, garantindo que amamentar seja uma escolha possível e sustentável.

3.7 Aleitamento materno exclusivo: fatores que influenciam a adesão e os desafios na implementação da prática

O aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses de vida é uma recomendação consolidada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde brasileiro, dada sua comprovada eficácia na promoção da saúde infantil e materna. Entretanto, a manutenção dessa prática ainda é limitada no Brasil, sendo influenciada por fatores sociais, culturais, assistenciais e familiares. A análise dos estudos recentes selecionados evidencia que, apesar dos avanços nas políticas de incentivo à amamentação, persistem barreiras que dificultam a adesão plena ao AME.

Os dados encontrados apresentaram prevalências diversas de interrupção do AME e identificaram fatores associados. No estudo de Santos et al. (2021), condução em uma maternidade do sul do Brasil, observou-se prevalência de interrupção do aleitamento materno em até 45 dias pós-parto em 14% das puérperas. Esses autores identificaram que baixa escolaridade, apoio inadequado da família, sobretudo de avós e o fornecimento de complementos alimentares ainda na maternidade foram fatores associados à interrupção precoce do aleitamento. Por outro lado, mulheres com idade ≥ 35 anos apresentaram maior probabilidade de manter o AME, sugerindo que a maturidade materna favorece a continuidade da prática.

No estudo MINA-Brasil, Mosquera et al. (2023) encontraram taxas de AME aos 3 e 6 meses de 33% e 10,8%, respectivamente, valores inferiores às metas da OMS de 70% para AME. Aspectos como primiparidade, uso de chupeta e presença de complicações neonatais (como diarreia) estiveram associados à interrupção do AME. Esses resultados reforçam que dificuldades técnicas e emocionais iniciais no processo de amamentar, somadas à falta de suporte específico, influenciam a decisão materna de interromper o AME.

De forma semelhante, Amaral et al. (2015), ao investigar nutrizes da Paraíba, identificaram que o desconhecimento sobre benefícios da amamentação, a crença de produção insuficiente de leite, dificuldades com a pega e intercorrências mamárias constituem barreiras importantes à continuidade do aleitamento. Esses achados corroboram com a literatura que aponta a desinformação e a insegurança materna como fatores críticos que contribuem para o desmame precoce.

No contexto de populações vulneráveis, o estudo de Silva et al. (2019) observou prevalência de AME de 32,9% aos seis meses em uma comunidade urbana subnormal de Pernambuco, valor superior ao índice encontrado por Mosquera et al. (2023), possivelmente devido ao papel fundamental da Estratégia Saúde da Família (ESF) e da visita domiciliar na primeira

semana pós-parto, prática que se destacou como fator protetor para o AME. Além disso, a idade materna > 35 anos e a não utilização de chupeta mostraram-se determinantes para maior duração do AME.

Embora não tenha foco exclusivo em aleitamento, o estudo de Zanotti et al. (2015) destaca o AME prolongado como fator associado à melhor recuperação do peso materno, corroborando os benefícios para a saúde da mulher e reforçando a importância de estratégias de promoção do AME não apenas para o bebê, mas também para o bem-estar materno.

Os resultados apresentados pelos artigos analisados convergem com pesquisas internacionais que apontam elementos socioculturais e assistenciais na determinação do aleitamento materno. A OMS destaca que a falta de apoio profissional e familiar e a introdução precoce de fórmulas são obstáculos frequentes à amamentação.

A influência do apoio familiar, evidenciada por Santos et al. (2021), encontra respaldo em autores como Boccolini et al. (2017), que destacam que o apoio da rede social, incluindo companheiro e familiares, desempenha papel decisivo na confiança materna. No entanto, quando esse apoio é permeado por crenças desatualizadas e práticas inadequadas, como a introdução precoce de chás e fórmulas, pode resultar no desmame precoce, como observado nos estudos qualitativos analisados.

O uso da chupeta como fator que prejudica a duração do AME, evidenciado por Mosquera et al. (2023) e Silva et al. (2019), também é amplamente reconhecido na literatura, tendo sido demonstrado por Victora et al. (2016) como um dos principais elementos associados à interrupção prematura do aleitamento.

Portanto, promover o aleitamento materno demanda ações intersetoriais e contínuas, abrangendo educação em saúde, qualificação profissional, apoio familiar e fortalecimento das políticas públicas de atenção à mulher e à criança.

4. Conclusão

O presente estudo permitiu compreender que o aleitamento materno exclusivo (AME) é um processo complexo que envolve múltiplos fatores biológicos, emocionais, culturais, sociais, econômicos e institucionais. Embora largamente reconhecido como fundamental para a saúde materno-infantil, sua adesão ainda se encontra aquém do recomendado globalmente, sobretudo no contexto brasileiro. Os resultados evidenciam que, apesar das inúmeras campanhas e políticas públicas de incentivo ao AME, ainda existem barreiras significativas para sua efetivação plena.

Os estudos analisados demonstraram que fatores como baixa escolaridade materna, ausência de apoio familiar e profissional, retorno precoce ao trabalho, dificuldades iniciais na pega e dor mamária, além de crenças culturais equivocadas, figuram entre as principais causas de abandono precoce do aleitamento. Em populações em situação de vulnerabilidade social, tais desafios se intensificam, reforçando a necessidade de estratégias específicas e equitativas de promoção da saúde. A influência emocional também se mostrou relevante, com destaque para a ansiedade materna, que reduz a autoconfiança e interfere no processo de amamentação.

Além disso, observou-se que práticas de cuidado humanizado no pré-natal, no parto e no puerpério aumentam significativamente as chances de sucesso do AME. A orientação profissional adequada, contato pele a pele precoce, iniciativas como a Estratégia Saúde da Família (ESF) e equipe multiprofissional capacitada, bem como acompanhamento sistemático, têm se mostrado determinantes no estabelecimento e manutenção da amamentação.

Diante desse cenário, reforça-se a importância da atuação qualificada e contínua da enfermagem. O enfermeiro, por meio de ações educativas, acolhimento, escuta ativa e orientação técnica, é peça-chave na desconstrução de mitos, no fortalecimento emocional das nutrizes e na promoção de práticas saudáveis. Além do cuidado individual, é fundamental o engajamento desses profissionais na implementação de políticas de saúde e na construção de redes de apoio à amamentação.

Recomenda-se intensificar ações educativas e intersetoriais, além de fortalecer o papel da enfermagem na promoção do aleitamento. exclusivo deve ser uma prioridade na agenda pública e social, exigindo ações intersetoriais articuladas entre serviços de saúde, instituições educacionais, empregadores e comunidade. Para que amamentar seja um direito plenamente exercido, é imprescindível que a mulher receba suporte integral, seja valorizada em sua experiência materna e tenha garantido seu protagonismo no cuidado. Investir na promoção do AME significa promover saúde, qualidade de vida, desenvolvimento social e equidade.

Referências

- Abreu, S. de R., Rodrigues da Silva, A. C., Garcia Ramos da Silva, W., Lara da Silva, M. L., Gaudard Freitas, J., Motta Ramos, M., Santos de Melo, J., Barreto Maia Caldas, M., Romariz Vargas, L., & Ferreira Machado, P. R. (2022). Aleitamento materno: Dificuldades encontradas pelas mulheres e os auxílios e estratégias do enfermeiro diante ao incentivo. *Global Academic Nursing Journal*, 3(Suppl. 1), e243. <https://doi.org/10.5935/2675-5602.20200243>
- Abuchaim, E. de S. V., Marcacine, K. O., Coca, K. P., & Silva, I. A. (2023). Ansiedade materna e sua interferência na autoeficácia para amamentação. *Acta Paulista de Enfermagem*, 36, eAPE02301. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO02301>
- Alves, J. A. M., et al. (2021). Comunicação em saúde: O profissional de enfermagem frente à adesão ao aleitamento materno. *Cadernos Camilliani*, 17(4), 2287–2301.
- Amaral, L. J. X., et al. (2015). Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrizes. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 36(esp.), 127–134. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.esp.56676>
- Arocha-Zuluaga, G. P., Caicedo-Velasquez, B., & Forero-Ballesteros, L. C. (2022). Determinantes econômicos, sociais e de saúde que influenciam no aleitamento materno exclusivo na Colômbia. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(9), e00186621. <https://doi.org/10.1590/0102-311XES186621>
- Araújo, V. G. dos S., Santos, T. R. dos, Vieira, A. C. S., Assunção, M. L. de, & Ferreira, H. da S. (2021). Transtorno mental comum e interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo em mulheres quilombolas. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 21(2), 497–509. <https://doi.org/10.1590/1806-93042021000200008>
- Barbosa, G. E. F., Pereira, J. M., Soares, M. S., Pereira, L. B., Pinho, L., & Caldeira, A. P. (2018). Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 18(3), 527–537. <https://doi.org/10.1590/1806-93042018000300005>
- Brandt, G. P., Britto, A. M. A., Leite, C. C. D. P., & Marin, L. G. (2021). Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo em uma maternidade referência em parto humanizado. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetria*, 43(2), 91–96. <https://doi.org/10.1055/s-0040-1718450>
- Cruz, N. A. C. V., et al. (2018). Associação entre o tipo de aleitamento na alta hospitalar e aos seis meses de vida. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 26(2), 117–124. <https://doi.org/10.1590/1414-462X201800020349>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.
- Lima, N. M. A. de, & Pina, M. G. M. (2020). Práticas de aleitamento materno em crianças prematuras no âmbito domiciliar: Revisão integrativa. *Brazilian Journal of Development*, 6(11), 85847–85856. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n11-125>
- Martins, F. A., et al. (2021). Padrões de amamentação e fatores associados ao desmame precoce na Amazônia Ocidental. *Revista de Saúde Pública*, 55, 21. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055002134>
- Mosquera, P. S., et al. (2023). Prevalência e preditores do aleitamento materno na coorte MINA-Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 57(Suppl. 2), 1–12. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057005563>
- Núñez Hernández, M. I., & Riesco, M. L. (2022). Abandono do aleitamento materno exclusivo em mães adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 30, e3787. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6252.3787>
- Takemoto, A. Y., et al. (2025). Incidência do aleitamento materno exclusivo: Influência da assistência recebida durante a internação. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 46, e20240100. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2025.20240100>
- Zanotti, J., Capp, E., & Wender, M. C. O. (2015). Factors associated with postpartum weight retention in a Brazilian cohort. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetria*, 37(4), 164–171. <https://doi.org/10.1590/S0100-720320150005186>